



## **PRÁTICAS (IN) FORMAIS E MOBILIZAÇÃOCOLETIVA NA ORLA DE COPACABANA E NA FLORESTA DA TIJUCA, RIO DE JANEIRO**

CaterineReginensi

Ecole Nationale Supérieure d'Architecture de Toulouse França

[creginensi@gmail.com](mailto:creginensi@gmail.com)

### **Objetivo, abordagem, quadro conceitual e metodológico**

O objetivo do artigo é propor uma abordagem que permita tomar a medida da diversidade das formas de produção da cidade. Mas além é um convite a seguir os itinerários complexos, às vezes, criativos dos habitantes da cidade do Rio de Janeiro em suas práticas sociais, entre formal e informal, de apropriação e fabricação da metrópole carioca. Esta posição significa repensar a cidade de forma ordinária (ROBINSON, 2006) ou conforme, Michel Agier (2009), olhar com mais atenção como os moradores “inventam” a cidade. No mundo das cidades ordinárias, de acordo com Robinson, modelos únicos não existem. As cidades são diversas e são produtos, em uma perspectiva histórica, da criatividade de seus cidadãos. A autora põe em destaque o perigo inerente à hierarquização das cidades, dividindo-as em níveis de desenvolvimento alcançado. Nossa postura visa caracterizar o contexto da cidade do Rio de Janeiro e explicitar o tema de informalidade, construído uma atitude etnográfica no que diz respeito a este tema.

A cidade do Rio de Janeiro está se tornando um laboratório de intervenções urbanísticas nos últimos anos, tendo como perspectiva temporal a efemeridade dos grandes eventos internacionais que se realizarão na cidade nos próximos anos (Copa do mundo de futebol em 2014 e os Jogos Olímpicos em 2016). A monumentalidade das intervenções responde à necessidade de transformar a própria cidade em um produto a ser vendido para atrair investimentos internacionais. Assim, a problemática desta metrópole encontra a sua coerência na articulação entre práticas socio espaciais e na relação natureza e sociedade. Compreender as dinâmicas territoriais e sociais neste contexto sugere partir de diferentes pontos de vista: dos processos de empreendedorismo urbano das cidades (HARVEY, 2005), do direito a cidade (LEFEBVRE, 1968) ou da produção social do espaço (SANTOS, 1999). Voltando a reflexão de Robinson, suas considerações permite



procurar maneiras diferentes para analisar a dinâmica urbana, demonstrando, assim, tratamentos inéditos das especificidades destes espaços, e acolhendo-os, como elementos singulares antes de qualificá-los depreciativamente como elementos ilegais, marginais ou insustentáveis.

Na questão referida a informalidade, nunca ficamos muito satisfeita com o uso desta noção, porque a partir de trabalhos anteriores a referência à informalidade aparecia incontornável para descrever as trajetórias de diversos comerciantes fora de regras e normas, e de outro lado, não permitia contemplar a complexidade das situações observadas. De fato, os comerciantes entrevistados participavam da vida econômica mobilizando mais relações sociais que fluxos financeiros e nestes estudos, realizados na Guiana Francesa, em Belém do Pará e mais recentemente com vendedores ambulantes no Rio de Janeiro, os atores envolvidos inserem-se entre “vários mundos” cujas fronteiras são cada vez mais indefinidas e incertas (TARRIUS, 2002, TELLES, 2007) na sociedade. Os indivíduos, das nossas pesquisas, aproveitando da fronteira entre os Estados para criam percursos de empreendedores (REGINENSI, 2005) ou para se colocar nos interstícios urbanos que deixem perceber reconfigurações e multiplicidades de atividades comerciais (REGINENSI, BAUTES, 2008). Isto sugere refletir sobre o comércio dito “de rua” em relação às mutações das cidades contemporâneas na esfera da globalização (GOMES, 2006).

Sem denunciar ou fantasiar, ou ainda levar em consideração discursos sobre segurança ou exóticos, temos como hipótese que expor colocar em imagens, construir e desconstruir as histórias contadas pelos atores da economia da praia de Copacabana ou pelos moradores da favela permite refletir e repensar a metrópole. A produção da cidade por esses atores é portadora de novos arranjos capazes de contornar tanto os quadros da sociedade globalizada, quanto das hierarquias sociais. Ela expõe iniciativas, ainda que marcadas de vulnerabilidade ou mesmo de exclusão, que merecem atenção por ensinar muito sobre a cidade e, sobretudo, sobre nós mesmo. Assim, o nosso quadro de análise identificou diferentes atores sociais e mais além centra-se nas situações sociais e sobre os recursos mobilizados (ambientais, econômicos e culturais). Essa perspectiva não excluiu os conflitos latentes e manifestos.



O uso de uma metodologia etnográfica e o cruzamento permanente de olhar com outras disciplinas representam um aporte significativo para apreender as diferentes nuances de formal/informal as formas de resistências dos sujeitos que moram e trabalham em lugares distintos tais como a praia de Copacabana e a floresta da Tijuca. Para isso, a dimensão econômica foi interpretada a partir de espaços diferenciados da metrópole carioca e, conforme uma leitura articulada das trajetórias de vida dos sujeitos. Considerase que o conteúdo das atividades e o percurso dos usuários passam pela articulação de espaços de referência locais e globais, e para, além disso, caracterizam as formas de gestão que legitimam o debate em torno das características destas dinâmicas empreendedoras e a sua participação para um desenvolvimento sustentável da cidade.

Frente a este marco introdutório, o texto está dividido em duas partes. A primeira parte aborda as trajetórias de trabalho e de moradia, retomando a idéia que para poder trabalhar na praia de Copacabana e na floresta da Tijuca em meios precários, aquilo significa que estas pessoas têm recursos. A segunda parte do artigo, tenta esboçar formas coletivas de resistência, observadas nos dois lugares pesquisados. Assim, na fase de problematização, surgiu a noção de arena pública (CEFAÏ, 2007) que se define como uma forma possível de organização social que permite a descrição da pluralidade de formas de engajamento e de participação em uma ação coletiva.

### **Trajетórias de trabalho e de moradia: expressões diversificadas do formal/informal**

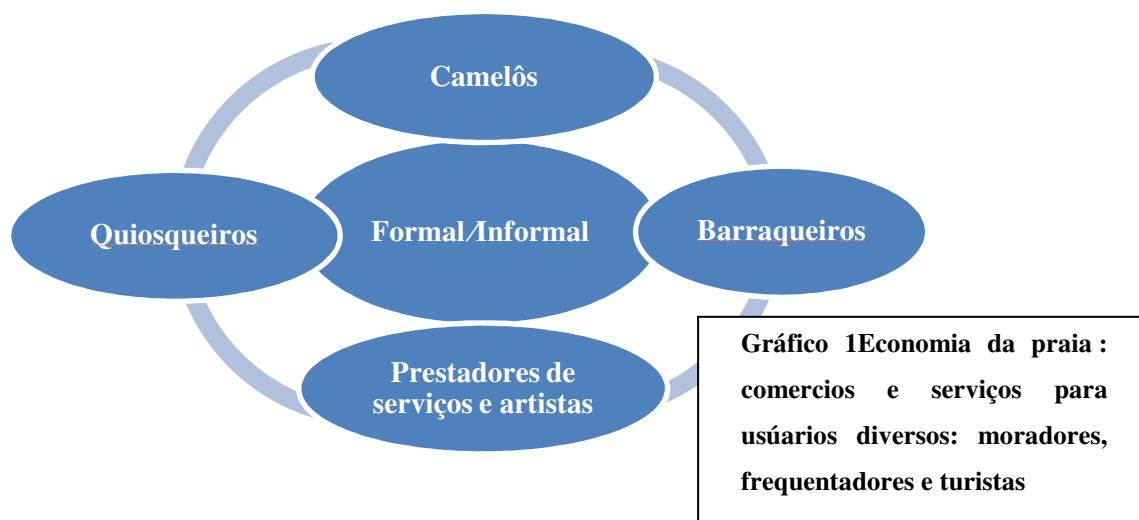
Os estudos empíricos, na praia de Copacabana<sup>1</sup> vão revelar práticas de trabalho, de lazeres e “performances” artísticas, mas também um desafio essencial para a prefeitura que procura modelar este lugar em função dos grandes eventos esportivos. O trabalho de campo no Vale Encantado, pequena favela situada na floresta de Tijuca, numa área preservada, deixa expressar a memória dos lugares e as lutas dos moradores que opõem-se às ameaças repetidas de remoção. Com o apoio de uma ONG franco brasileira, desenvolvem um projeto sobre um território ampliado e criam uma cooperativa em prol de um turismo ecológico e um desenvolvimento econômico solidário. Um contra exemplo a ser estudado na metrópole. A experiência dos moradores do Vale foi escolhida para

---

<sup>1</sup>Três pesquisas têm como campo a praia de Copacabana: a primeira e a segunda realizadas em 2005, 2006 e início de 2007 e a terceira no biênio 2009-2010 (REGINENSI, 2010) incorporou o estudo na floresta da Tijuca, na comunidade do Vale Encantado.

relativizar a imagem negativa da favela<sup>2</sup> associada à violência do tráfico de drogas ou aos danos ambientais e mostrar que os moradores escrevem outra história, que inclui preservação ambiental e geração de renda. A proposta foi de associar histórias de vida e memória ao desenvolvimento local, que deve ser entendido como processo de negociação entre atores sociais públicos, privados, públicos não governamentais e os diferentes movimentos da sociedade civil (TENÓRIO, 2007).

A economia da praia tornou-se um tema predileto das nossas pesquisas urbanas durante estes cinco últimos anos. As atividades de vendedores ambulantes (camelôs como costumam se chamar), barraqueiros, quiosqueiros, prestadores de serviços e artistas são oferecidas à uma multiplicidade de usuários tais como moradores de Copacabana, de outros bairros da metrópole, frequentadores mais ocasionais e turistas nacionais e internacionais (Gráfico 1).



Observamos de dia, de noite, a diversos momentos do ano. Na realização da etnografia, a abordagem contemplou com mais regularidade dois contextos da praia de Copacabana: o calçadão e a areia e trabalhamos mais especificamente com as categorias “mancha, pedaço, trajeto e circuito”, conceitualizadas por Magnani (2000), essas noções servem de ferramentas de leitura tanto do espaço como das interações observadas. A vantagem do uso dessas categorias, retomando a proposta de Magnani, é que rompem com a necessidade de escolha presente nas formulações dicotômicas. Todas essas categorias apontam para o

<sup>2</sup>Sobre a favela carioca os trabalhos de Licia Valladares (2005) e sobre a questão da favela e meio ambiente o artigo de Rafael Soares e Bruno Alves França (2010)



espaço público como processo dinâmico e como contexto de mediação através do qual as identidades sociais, as práticas, imagens do local e representações podem ser criadas e contestadas (MENEZES, LACARRIEU, REGINENSI, 2009). Cada uma destas categorias representa uma diferente modulação desse domínio, na paisagem da cidade e de suas instituições. Desta forma, elas conseguem descrever melhor e com mais nuances a dinâmica da sociabilidade e as alternativas de encontro, troca, afirmação identitária e mesmo situações de conflito propiciadas pela cidade, principalmente em sua escala metropolitana.

No contexto do Vale Encantado, ao decorrer sobre o lugar e a vida no cotidiano, nossa intenção foi interrogar a memória como um elemento relevante da construção coletiva do presente das famílias no local e, mais além, continuar o debate sobre as fronteiras indefinidas do formal e o informal iniciado na praia.

Vale Encantado originou-se de um projeto urbanístico do final da década de 60, que pretendia construir um grande condomínio de prédios – O Enchanted Valley. Apenas um prédio e o clube foram construídos. Quando criança, Otávio, responsável do projeto da Cooperativa, costumava chamar o local de Taquara. O Vale está inserido no Alto da Boa Vista, um bairro com nove favelas, dentre elas: Mata Machado, Tijuacu, Agrícola, Furnas, Biquinhas, Ricardinho, Redentor Violão e o Vale Encantado, que se subdivide em: Santo André, Campo João Lagoa, Açude da Solidão e Soberbo.

No objetivo de melhor explorar as fronteiras tênues entre formal e informal, construímos as entrevistas nos dois lugares, a partir de três temáticas principais e, no caso da Orla para mapear o universo dos prestadores de serviço de forma consistente, entrevistamos cinco indivíduos de cada categoria identificada<sup>3</sup>:

- 1) **A trajetória profissional residencial** que contempla trajetórias mais antigas e o processo de profissionalização, as redes de solidariedade, os arranjos, a renda obtida,
- 2) **O cotidiano da experiência na Orla e no Vale** o significado de viver na comunidade que inclui a relação com outros prestadores, vendedores e clientes, e com outros moradores ou membros da família,

---

<sup>3</sup>Destacamos principalmente em interação com outras categorias: Massagista, Guardadores de carros, Locadores de bicicletas, Especialistas em tatuagem, Seguranças e apoio nos momentos dos eventos, Passeadores de cachorros, Pescadores. Foram incluídos nas observações e entrevistas os escultores de areia e artistas diversos como atores que constroem a praia como cenário alternativo e de culturas híbridas (CANCLINI, 1997)



XI CONLAB

» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

**3) A relação com o lugar** que presta uma atenção aos problemas ou dificuldades enfrentados e coloca a questão dos riscos e a vulnerabilidade, mas também as estratégias para enfrentá-las. Neste ponto, foram abordadas as formas de organização coletiva.

A experiência com diversas categorias de vendedores, prestadores e artistas e com os moradores do Vale permitem destacar elementos que apontam para :

**a) uma diferença nas trajetórias de trabalho e na organização do dia-a-dia**, inclusive numa mesma categoria (entre massagistas, entre barraqueiros, por exemplo) a pesar na maioria se definir como “autônomos”. No Vale, a presença de uma casa de pedracomoum marco da memória do local (a antigacasa de família de Otávio hoje é habitada pela família de Dona Adenir) revela trajetórias de trabalho numa pedreira de granito que iniciou a atividade por volta de 1970 e parou em 1992 por causa da degradação ambiental. Nas entrevistas foram ressaltadas trajetórias de trabalho mais antigas na floricultura: camélias, azaléias, palmas, agapantas, diversos outros tipos de flores que eram comercializadas no centro da cidade. De fato, as histórias pessoais estão permeadas pelo trabalho, na pedreira, pela construção, venda ou compra da casa ou terreno para mudar, dentro do próprio local. A história pessoal pode mostrar uma trajetória de trabalho formal com carteira assinada e uma moradia na informalidade. A história de Otávio é a mais relevante: com um trabalho formal, com carteira assinada há 22 anos, foi uma escolha de vida voltar morar no Vale, construir uma casa no terreno do pai e esperar a legalização da posse (uso Capião). A história das mulheres, em geral, indica trajetórias na informalidade e se comparam com trajetórias de mulheres na Orla de Copacabana: biscate no clube, empregada doméstica sem carteira assinada (pagando autonomia ou não) e casa a ser legalizada. A história de Aurélio é outro exemplo que pode ser comparado a outros depoimentos resgatados na praia de Copacabana: trabalhou com carteira assinada durante 19 anos, ficou desempregado quando a empresa fechou e, aos 43 anos, tornou-se vendedor ambulante.

**b) umas representações das práticas de trabalho ou de prestações** que revelam tendências opostas. Na Orla, por exemplo, retomando o caso dos massagistas mas poderia se aplicar a outras categorias: alguns consideram que precisa de regras estritas, inclusive proibir o acesso a toda forma de desvio (forma de protituição) exigir a capacitação (número de horas de formação) e também comportamento na prática da massagem (usar uniforme, colocar o nome, os preços, os contatos, um relógio, a mesa de trabalho ou os produtos-(como óleos e cremes- deveriam ser de ótima qualidade) e claro pagar impostos



e taxas e autonomia. A outra representação que se destaca é de considerar a capacitação, por exemplo, como um processo de aprendizagem na experiência e na trajetória do próprio sujeito. Consideram importante a boa qualidade do material ou produtos maistambém a possibilidade de introduzir elementos que criam um diferencial: incenso, música, roupa de um estilo e não necessariamente uniforme. “Um jeito mais descontraído de ser carioca na praia fazendo negócio” (Entrevista de uma massagista, 5-02-2010).

**c) uma forma de evidenciar o papel das empresas** no jogo formal/informal ou de facilitador de condições precárias de trabalho. Aparentemente nadadiferencia estes vendedores: utilizam o mesmo tipo de carrinho, vendem os mesmos produtos, com preços iguais, mas falando com eles revelam-se condições trabalhistas diferentes. Existem três categorias:

- o diarista que pega a mercadoria no depósito, em Copacabana, mas depois pode ir vender até Leblon, mas deve circular com o guarda sol fechado porque senão a fiscalização acha que eles vendem e só podem vender no ponto que a empresa indica. Monica é diarista ganha R\$50 (cinquenta) por dia mais comissão, sem carteira,

- o comissionado que tem um contrato e ganha R\$1400 (mil e quatrocentos) por mês sem comissão, sem carteira

- o contratado que tira um salário mensal de R\$660 (seiscentos e sessenta ) mas tem ticket refeição e passagem, sem carteira: *renovam o contrato de mês em mês* (depoimento de Walter 5-02-2010).

Estes encontros mostram a precarização do emprego que condiciona a vida de jovens entre 18 e trinta anos.. Formal e informal se combinam na história deste outro vendedor mais velho (47 anos) que possui duas atividades na mesma jornada: vendedor de sorvete de 10:00 até 17:00inclusive aos domingos, e depois é garçom, a noite com carteira, no bairro de um amigo no subúrbio onde ele mora. O carrinho de Manuel é como uma mini loja: por cima, têm uma tábua cheia de compartimentos que oferece balas, cigarros vendidos a unidade, e cartões de telefone. No período de Natal e Carnaval, a mulher de Manuel fabrica alguns doces e Manuel coloca no carrinho. Com a venda dos sorvetes consegue R\$350 (trezentos e cinquenta) e com as demais mercadorias chega a tirar R\$ 500 (quinhentos) por dia, isso no verão. De fato Manuel é totalmente informal porque a autorização é de um amigo que é aposentado e tem licença para poder trabalhar e utilizar o nome da firma. O amigo chega só no final da tarde para trabalhar. Este arranjo permite a



duas famílias viver concluiu Manuel que está sempre de olho porque se chegar o rapa ele não pode mostrar a autorização... (Observação e entrevista de 2007).

No Vale Encantado não têm lojas mas aparecem, cada mês, vendedores diversos como o Luiz, vendedor de vasouras, que trabalha por conta de uma empresa localizada no Centro da cidade. Esta empresa organiza o trabalho do vendedores por setores e Luiz ficou com o Alto da Boa Vista.

**d) umas disparidades na renda obtida e umas capacidades a diversificar os produtos que gera renda.** As diferentes categorias de trabalhadores, por conta própria, consideram “o negócio bom na temporada do verão” e não forneceram muitas informações sobre a renda mensal, indicam: 2 salários mínimos ou param a conversa dizendo: “da para sobreviver”. Excepcionalmente, como foi o caso de um massagista, revela-se renda até seis salários. Os empregados de firmas, os sorveteiros foram mas explicitos e indicam o salário e as vantagens recebidas e também foi o caso dos seguranças ou jovens chamados “apoio” que trabalham 24 horas por R\$70 (setenta reais) tomando conta de material, na Orla durante eventos. Os passeadores de cachorros, nova profissão que está se desenvolvendo na Orla permitem as jovens homens de tirar uma renda de R\$1000 (hum mil reais) com comissão e fixo. Os escultores de areia colocam uma caixinha pedindo - entre um até 2 R\$ (um, dois reais)-aos frequentadores que querem fotografar a obra. Um deles contou, na entrevista, que sabia avaliar o custo da obra que realizava mas não sabia dizer quanto ganhava porque tudo o seu trabalho precisa de uma ajuda permanente quando a obra não é permanente, e preciso receber para comprar o que precisa para que os turistas fazem conhecer o seu trabalho. Outro escultor acrescentou que, às vezes, vendia alguns objetos para completar a caixinha.

No Vale Encantado, os moradores entrevistados, com emprego ou pensionistas, responderam sobre a renda mensal: “na faixa de dois salários”. Outros indivíduos colocaram na sua resposta: “uma pensão” ou “da para sobreviver”.

**e) uma capacidade à avaliar oportunidades e os arranjos no cotidiano.** No contexto da praia, os escultores de areia e artistas ou ainda os barraqueiros e os quiosqueiros falam de “boa política de vizinhança” que deve ser entendida como relações com outros trabalhadores na Orla e com a polícia ou a guarda municipal. Precisa saber ficar na sua e negociar. Um destes escultor (negro) se destacou revelando as dificuldades do seu trabalho insistindo sobre formas de discriminação, colocando na sua fala: “ser negro é ser bandido”. Não



podia usar a bandeira brasileira porque escultava corpos de mulheres e isto era considerado como pornografia. Alguns meses depois da pesquisa de campo, observamos que a obra tinha sempre mulheres mas tinha também uma escultura do Cristo redentor e uma bandeira brasileira. Voltando a falar com ele começou a repetir a suas dificuldades mas no mesmo tempo diz que na verdade tinha poder de adaptação e que conseguiu sempre fazer do pior o melhor.

Na praia, encontramos vários vendedores que se deslocam entre outras praias e que procuram criar um diferencial. Jonas, por exemplo, escolheu vender livros nas praias, apresentando outros produtos, como bebidas, bronzeadores ou biquínis. A escolha dele e do seu amigo-sócio foi motivada pelo fato de existir uma lei federal que dá direito a trabalhar com livros em qualquer área do território brasileiro e, como ressaltou na entrevista (26-03-2010), *a gente fica livre, sem atormentação dos fiscais*. Jonas compra 80 livros a cada dia, e um bom dia de trabalho é quando ganha R\$ 200,00 (duzentos reais). Por outro lado, incorpora o discurso institucional dizendo que se precisa de ordem e reivindica ser um bom profissional.

No Vale Encantado, os moradores, ameaçados de remoção, entram na luta permanente e captam uma oportunidade de desenvolver um projeto de cooperativa (COOVE) que já envolve vinte moradores do local e visa a gerar renda, desenvolvendo diversos projetos ligados à promoção de atividades turísticas na região, produção e comercialização de bijuterias, artesanatos e alimentos com ingredientes oriundos da floresta da Tijuca. De outro lado, a ausência de transporte público favorece o desenvolvimento de um transporte informal (combi) para ter acesso ou se deslocar do Vale.

**f) uma falta de atuação do poder público** a que diz respeito as diferentes profissões na Orla e **umas ameaças repetidas de remoção** no Vale Encantado.

Na medida em que são redimensionados os espaços do local e as temporalidades, são reconfigurados os conflitos, fazendo emergir, assim, novas formas de mobilização coletiva, na Orla e no Vale Encantado.

### **Mobilização coletiva e resistência, na praia e na floresta: Outro Rio**

A praia e a floresta surgem como arena empírica e, ao longo da pesquisa, foi interessante aprofundar a complexidade do jogo dos atores envolvidos na conquista do lugar.

A partir de Amartya Sen (2000) operamos uma leitura do material coletado examinando as capacidades das pessoas em reagir face às situações de risco. A análise de Sen



complementa a visão utilitarista, explicitando o processo pelo qual os agentes alcançam certo nível de vida. Por outro lado, permite integrar em uma mesma análise as dimensões (econômicas, sociais, culturais e institucionais) do bem-estar. A vulnerabilidade dá conta das pressões exteriores às quais os indivíduos são submetidos.

A etnografia permitiu compreender alguns fundamentos da vulnerabilidade, das estratégias e competências através da ação dos atores no espaço de suas capacidades, sem esquecer-se dos constrangimentos impostos através de projetos urbanos.

Na praia e na floresta, identificamos situações vivenciadas pelos sujeitos, objetos de intervenção pública, conforme o quadro abaixo:

**Tabela 1 - Tipologia dos principais riscos identificados nos lugares pesquisados (Orla de Copacabana, Vale Encantado, na floresta da Tijuca)**

|  |   |
|--|---|
| <b>1. Riscos em relação ao meio ambiente</b>                                   | <ul style="list-style-type: none"><li>• Influência do clima nos dois lugares;</li><li>• No caso do universo do Vale: deslizamento, inundações, incêndios;</li><li>• No trabalho do comércio na praia: a chuva, poluição do ar, da água, do mar.</li></ul>   |
| <b>2. Riscos em relação ao mercado econômico</b>                               | <ul style="list-style-type: none"><li>• Desemprego, ausência de contrato de trabalho, enfrentados pelos sujeitos nos dois lugares;</li><li>• Processo de regularização fundiária demorado e ameaça de remoção, no Vale;</li><li>• Variação dos preços, aumento da concorrência, na praia.</li></ul> |
| <b>3. Risco em relação à saúde, transporte e as formas de violência urbana</b> | <ul style="list-style-type: none"><li>• Luta, brigas e negociações, nos dois lugares</li><li>• Falta de transporte, postos de saúde e escolas distantes no Vale;</li><li>• Conflito com a Guarda Municipal na praia.</li></ul>  |
| <b>4. Risco em relação à idade e às diferentes formas de exclusão social</b>   | <ul style="list-style-type: none"><li>• Educação, evasão escolar e falta de capacitação;</li><li>• Situações de idosos sem previdência e/ou assistência social, nos dois lugares.</li></ul>   |

Vale ressaltar que todos os indivíduos são vulneráveis, mas cada um tem a capacidade de fazer face ao risco que lhe é próprio. Se o indivíduo é capaz, através de suas capacidades, de encontrar estratégias visando a se proteger do risco e a reforçar suas capacidades, pode-se dizer que se torna resiliente. O espaço das capacidades tal como é proposto por Sen, dá um lugar central as liberdades reais que dispõem os sujeitos, ofereço um quadro de análise pertinente para compreender a vulnerabilidade e resiliência dos agentes. Dessa forma é



indispensável indicar as principais estratégias utilizadas pelos moradores do Vale, os trabalhadores e artistas na praia como indicado neste quadro:

**Tabela 2 - Principais estratégias identificadas nos lugares pesquisados (Orla de Copacabana, e Vale Encantado)**

| Tipode estratégias  | Ações individuais ou coletivas, antes ou depois de uma situação de risco nas dimensões evocadas  |
|---|--|
| Arranjos, prevenção ou redução  | Acordos com amigos ou outros vendedores, pertencimento a redes de solidariedade nos dois universos, mutirão, autoconstrução da casa no Vale e diversificação das atividades de comércio na praia.  |
| Reação e/ou conflito  | Movimento dos quiosqueiros, ações diversas na justiça, confrontos com a Polícia e/ou a Guarda Municipal nos espaços da praia, reação espontânea dos moradores, por exemplo, contra a falta de informação e de transparências sobre os projetos municipais. |
| Estratégia participativa acompanhando as ações ou criando estruturas ainda na informalidade | Criação de cooperativas no Vale e na praia, processo de legalização fundiária, de sistema alternativo de transporte, Conselho da Cidadania e associação de moradores no Vale atuando, juntos, no cotidiano contra a remoção e por uma moradia justa.       |

Na realidade do cotidiano, o espaço da praia e da moradia no Vale Encantado, tornam-se um desafio para poder trabalho e morar.

A partir de dois exemplos, resgatamos as histórias de mobilização e resistência.

**Na praia**, no início de 2010, no contexto de uma nova ação municipal com ênfase no controle do espaço público, o *Choque de Ordem*, uma nova associação de barraqueiros<sup>4</sup> chamada *Praia Livre* aparece. Não conseguimos entrar em contato mas durante o tempo da etnografia, levantamos vários dados para melhor entender o processo de mudança. Os barraqueiros (774 barracas do Leme ao Pontal e aproximadamente duzentas barracas em Copacabana) possuem uma legislação de uso do espaço que limita o número de cadeiras e guarda-sóis como também são obrigados a estar presente no espaço no horário estipulado.

<sup>4</sup>Existiam quatro associações de barraqueiros Asquibarra, Praia S/A, Ascolpra e Abafla que representaram 1083 barraqueiros que trabalham do Flamengo até Macumba (entrevista de Júlio advogado, maio de 2010). Estas associações criaram um consórcio chamado Pró Rio, uma associação com Presidente João Barreto, vice-presidente da Orla Rio. E assim se iniciou o projeto *Rio, praia linda*. Este projeto prevê o fornecimento gratuito das novas barracas e duas caixas isotérmicas, além de 30 guarda-sóis e 60 cadeiras para cada um dos mais 700 barraqueiros. Também fazem parte do projeto a prestação diária do serviço de montagem e desmontagem das barracas e um sistema de higienização permanente de todas as cadeiras alugadas pelos barraqueiros. Prefeitura e Pró Rio firmaram um convênio 02 /2009; nele se estabeleceu prazos para execução do projeto Rio, Praia linda e ainda diversos encargos a serem cumpridos pela associação, como a obrigação de fornecer 30 tendas de Choque de ordem, 30 binóculos, cinco filmadoras, 400 unidades/ano de protetor solar, 100 conjuntos de contêineres e 25 rádios, entre outros itens. E disponibilizar pela Prefeitura 11 pick-ups, um caminhão de carga, duas vans e nove quadriciclos. Só pra Arpoador, Ipanema e Leblon, a orla Rio desembolsou R\$ 1 milhão para a compra dos kits e equipamento pela Prefeitura. *Revista Onda Carioca* 4 de Fevereiro de 2010, p. 14-17



Na prática não é tanto assim e a fiscalização não opera de maneira muito rígida, no que diz respeito aos horários e a presença efetiva dos barraqueiros. A partir de outubro de 2009, uma operação Choque de Ordem vem modificando o cenário descontraido da praia e uma polêmica começou.

No intuito de compreender a operação *Choque de Ordem*, desde dezembro fomos passear pela praia de Ipanema onde a Operação iniciou, observamos e entrevistamos vários atores: o delegado da Polícia Civil, coordenador da Operação, frequentadores da praia de Ipanema, e três barraqueiros. Depois entrevistamos barraqueiros em Copacabana, registrando novamente, depoimentos com fotos e filmes as barracas antigas e novas. Estes depoimentos foram completados com a leitura da mídia entre outubro de 2009 e fevereiro de 2010.

***Que vai mudar?*** *O Globo* 26-10-2010

A barraca e suas novas características feita de alumínio tubular, a tenda de 3x3 metros, nas cores branco e azul, foi inspirada de uma gaivota. O custo fica em torno de R\$2 mil e deverá ser pago pelas associações de barraqueiros que formaram consórcios com parcerias com iniciativa privada. As associações deveriam garantir seguro saúde para a categoria.

O isopor é substituído por até caixas isotérmicas. As publicidades (marcas de bebidas ou de outras empresas) são proibidas, porém, a única marca permitida é de Rio 2016. A fiscalização se intensifica, com 400 homens da guarda municipal e do controle urbano, com apoio da vigilância sanitária. Além das barracas, o *Choque de Ordem* visa cadastrar um número de 1570 ambulantes. A Prefeitura reconhece que este recadastramento é lento e que em outubro, quando foi iniciada a Operação, apenas 300 vendedores se apresentaram.

Por fim, os banhistas são também na mira de *Choque de Ordem* nas praias: proibição de jogo com bola na faixa da areia próxima à água.

***Como surgiu a polêmica?*** E sem dúvida a limitação de número de autorizações por cada praia que fez o clima esquentar nas praias (entrevista de Paulo Juarez - o Paulinho, - Presidente da Ascolpra - Associação do Comércio legalizado das praias, na revista *Onda Carioca*, Outubro de 2009, p. 14-16): *De Leme ao Leblon, temos em torno de 390 barraqueiros que o edital limitou o número a 300 autorizações.*

Os barraqueiros entrevistados pela revista, e também alguns durante o trabalho de campo desta pesquisa, ressaltaram que dependem da barraca para viver e que estão nela todos os dias e alguns sublinharam os arranjos: *a pessoa que transferiu a licença perderá a autorização e aquele que tem licença, mas nunca vai a praia e coloca alguém na barraca...*



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Mas, além disso, o alvo dos protestos era o recadastramento dos barraqueiros realizado pela Prefeitura, e a secretaria da Ordem Pública acabou mudando de ponto alguns antigos barraqueiros o que provocou umas reações.

Vale ressaltar movimento de protesta e de solidariedade por parte dos usuários da praia de Ipanema (frequentadores da uma quadra de volei) até chegar a vender bebidas e repassar o valor das vendas ao barraqueiro que foi deslocado. Também passaram emails incansavelmente para o secretário da segurança da Prefeitura e conseguiram a volta do barraqueiro no ponto.

**Na floresta, e no Vale** em particular a ação de mobilização coletiva passa pela adesão dos moradores ao Conselho da cidadania dos moradores do Alto da Boa Vista (CONCA) principalçente pela defesa do direito a moradi . A originalidade deste conselho é o fato de ser um fórum permanente (BONIFACE, 2010) que participa de tudo retomando a fala do Presidente do CONCA:

“a força, e lá dentro começamos a desconstruir o discurso que eles tinham, e construir um novo discurso, ... e nós, na mesma política das reuniões do CONCA... nós fomos pela insistência...e o diretor do Parque Nacional... indicou o CONCA pra ser Secretário Geral do Conselho”.

Os moradores do Vale Encantado colocam em primeiro plano a preservação ambiental, já que astensões são muito grandes entre defensores da natureza e moradores que proclamam o direito à viver em áreas ditas de preservação, como a floresta da Tijuca. E “quando a cidade vira meio ambiente” (MOTA, 2007), a justificativa ecológica chega na metrópole carioca.

### **Considerações finais**

No material recolhido nos dois lugares, percebe-se que as ações públicas oferecem uma pluralidade de engajamentos possíveis nos quais os atores buscam exprimir suas demandas e constituir justificativas legítimas (BOLTANSKI, THEVENOT, 1991.). Na praia como na floresta, os atores, quando se mobilizam coletivamente, se engajam com diferentes discursos:

- O discurso da tradição: beber Mate Leão e comer biscoitos Globo, na praia, faz parte das praticas cotidianas. Por outro lado, vários trabalhadores sabem vender outros produtos ou prestar serviços diferenciados, pela satisfação de clientes que podem ser cariocas da gema ou turistas;
- O discurso da ancestralidade: contra a intensificações da especulação imobiliária, assim, os moradores argumentam dizendo “*nasci no Vale e todosos meus ancestrais também*”,



mas não param aqui e desenvolvem um projeto de cooperativa apontando por uma economia justa e solidária, comercializando alimentos fabricados com ingredientes oriundos da floresta da Tijuca.

Estes atores buscam o reconhecimento de sua dignidade moral e a sua consideração como verdadeiros cidadãos e, assim, alguns convertem os condicionamentos em oportunidades para exercer a cidadania.

O que é posto em questão pela dinâmica conflitiva em seu conjunto é o modelo de desenvolvimento urbano – aquele modo sócio-espacial pelo qual são distribuídos os recursos da cidade de que falamos. Alguns dos conflitos urbanos surgidos em anos recentes pretendem evidenciar novas leituras do espaço urbano, propõem desenhar uma nova cartografia cultural das cidades. Trata-se de pôr em evidência a presença no urbano as marcas do que é culturalmente diverso, não-mercantil, não redutível a relações de consumo, compra e venda, que procura recuperar na cidade a experiência do encontro entre diferentes histórias e cultura. Trata-se também de colocar no processo de pesquisa a questão da devolução dos dados recolhidos. Neste sentido organizamos um seminário que apresentou dispositivos construídos ao longo do trabalho de campo: na praia, um vídeo e na floresta a criação de um mapa da memória, a partir das entrevistas e de duas oficinas com crianças do Vale Encantado, de Campo João Lagoa e Açude.

A devolução da pesquisa inclui a problematização das interações culturais e políticas do pesquisador com os indivíduos e grupos observados. E de alguma maneira, incorporou elementos do processo de tradução e de simpatia, tentando criar dispositivos específicos com a cumplicidade de alguns entrevistados. Articular os dois lugares, visto como desafio no início da pesquisa, tornou-se uma oportunidade de se aproximar e se comprometer no tempo desta pesquisa e em perspectivas futuras.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Foto 1–Dispositivo na Orla, PercepçõesFoto 2 Distribuição do mapa no Vale Encantado



Créditos: Reginensi, em 08/08/2010.



Créditos: Reginensi, em 18/08/2010.

### Referências bibliográficas

AGIER, M. *Esquisse d'une anthropologie de la ville. Lieux, situations, mouvements*. Louvain-La-Neuve, Academia Bruylant, Anthropologie, Prospective, n°5, 2009, 159p.

BAUTES, N., REGINENSI, C., « La marge dans la métropole de Rio de Janeiro: de l'expression du désordre à la mobilisation de ressources », *Revue Autrepart*, n°47, pp.149-168, 2008

BOLTANSKI L., THÉVENOT, L. *De la justification. Les économies de la grandeur*. Paris : Gallimard, 1991

CANCLINI, Nestor García. *Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997, p.283-350

CEFAI, D. *Pourquoi se mobilise-t-on? Les théories de l'action collective*. Paris : Revue du MAUSS, 2007

GOMES, M. F. C. M. (org.). *Cidade, transformações no mundo do trabalho e políticas públicas: a questão do comércio ambulante em tempos de globalização*. Rio de Janeiro: DP&A/FAPERJ, 2006.

GONÇALVES, S.R., FRANÇA, A.B., Entre o muro e a remoção: meio ambiente e favelas no Rio de Janeiro. In Cabral, M.F.M.G, Barbosa, M.J.de Souza, *Cidade e sustentabilidade: Mecanismos de controle e resistência*, Rio de Janeiro, Terra Vermelha editora, pp. 263-278, 2010

HARVEY, D. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo, Anablume, 2005

LEFEVRE, H. *Le droit à la ville*. Paris : Anthropos, 1968



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

- MAGNANI, J. G. C. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole, In MAGNANI, J.G.C e TORRES, L.L.(orgs) *Na metrópole-Textos de Antropologia Urbana*, São Paulo: EDUSP, 2000
- MENEZES, M. LACARRIEU, M. REGINENSI, C. *Etnografia dos espaços públicos urbanos: entre práticas insurgentes de cidadania e expressões da mediação*, GT 70, VIII Reunião de Antropologia do MERCOSUL - RAM –Diversidade y poder en América Latina, Buenos Aires, Argentina, 29 de setembro a 2 de outubro de 2009,
- MOTA, F. *Quando a cidade vira meio ambiente Notas antropológicas sobre conflitos ambientais no Brasil*, Junho de 2007 Conferência ISCTE, <http://conferencias.iscte.pt/consultado> em janeiro de 2010
- REGINENSI, C. Une figure du territoire en mouvement : le vendeur ambulante transfrontalier en Amazonie In Capron, G. Cortès, G., Guétat-Bernard H. *Lieux et liens de la mobilité : ces autres territoires*. Chapitre 16. pp.291- 310, Editions Belin, collection Mappemonde 2005
- \_\_\_\_\_2010 « Práticas formais e informais na cidade(in)sustentável” In Cabral, M.F.M.G, Barbosa, M.J.de Souza, *Cidade e sustentabilidade: Mecanismos de controle e resistência*, Rio de Janeiro, Terra Vermelha editora, pp.125-140
- SANTOS, M., (1996), *A natureza do espaço: espaço e tempo, razão e emoção*. São Paulo, Hucitec.
- SEN, A. *Commodities and capabilities*. Oxford: University Press,1987.
- TELLES, Vera da Silva. Transitando na linha de sombra, tecendo as tramas da cidade. In: OLIVEIRA, F.; RIZEK, C. (orgs.). *A era da indeterminação*. São Paulo, Boitempo, 2007.pp.195-220
- TARRIUS A. *La mondialisation par le bas: Les nouveaux nomades de l'économie souterraine*. Paris: Balland2002
- TÉNORIO, G., (org.). *Cidadania e desenvolvimento local* Editora Unijui & FGV 2007.
- VALLADARES, Licia do Prado, *A invenção da favela: do mito de origem à favela carioca*. Rio de Janeiro: FGV, 2005, 204p.